

**GERMINANDO CONFLUÊNCIAS: FRONTEIRAS
EPISTEMOLÓGICAS E COSMOLOGIAS AFRO-INDÍGENAS NA
COMUNICAÇÃO DO MUSEU UNIVERSITÁRIO ESPAÇO DO
CONHECIMENTO UFMG**

*GERMINATING CONFLUENCES: EPISTEMOLOGICAL BORDERS AND
AFRO-INDIGENOUS COSMOLOGIES IN THE COMMUNICATION OF ESPAÇO DO
CONHECIMENTO UFMG UNIVERSITY MUSEUM*

*GERMINANDO CONFLUENCIAS: FRONTERAS EPISTEMOLÓGICAS Y
COSMOLOGÍAS AFROINDÍGENAS EN LA COMUNICACIÓN DEL MUSEO
UNIVERSITARIO ESPAÇO DO CONHECIMENTO UFMG*

Original recebido em: 1 de outubro de 2025

Aceito para publicação em: 23 de março de 2026

Publicado em: 09 de abril de 2026

AnaCarolyna Gonçalves Barboza

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Verônica Soares da Costa

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Ivone Oliveira

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo

RESUMO

Este artigo busca discutir os diálogos epistemológicos e os deslocamentos fronteiriços que perpassam os processos de construção e circulação do conhecimento, no âmbito do projeto de renovação da exposição de longa duração *demasiado humano*, no museu universitário Espaço do Conhecimento UFMG. Guiado pela Análise Crítica do Discurso (ACD) de Fairclough (2001), o percurso metodológico propõe um gesto exploratório e qualitativo para a investigação do discurso comunicado pelo catálogo da exposição, bem como dos aspectos de missão, visão e valores apresentados pelo texto curatorial e pelo texto da diretoria do museu, em relação à renovação expositiva no Espaço do Conhecimento. Os resultados indicam um

conjunto de fatores financeiros, institucionais e epistêmicos que subsidiaram o projeto de renovação para que o âmbito expositivo do museu pudesse discutir o antropocentrismo a partir de saberes afro-indígenas.

Palavras-chave: Epistemologias afro-indígenas; Práticas discursivas; Museus; Espaço do Conhecimento UFMG.

ABSTRACT

This paper discusses the epistemological dialogues and border displacements that permeate the processes of knowledge construction and circulation within the renewal project of the long-term exhibition *demasiado humano* (*overly human*) at the university museum Espaço do Conhecimento UFMG. Guided by Fairclough's (2001) Critical Discourse Analysis (CDA), the methodological approach proposes an exploratory and qualitative gesture to investigate the discourse communicated by the exhibition catalog, as well as the aspects of mission, vision, and values presented in the curatorial text and the museum board of directors text regarding the exhibition renewal at Espaço do Conhecimento. The results indicate a set of financial, institutional, and epistemic factors that supported the renewal project, enabling the museum's exhibition space to address anthropocentrism through afro-indigenous knowledge.

Keywords: Afro-Indigenous epistemologies; Discursive practices; Museums; Espaço do Conhecimento UFMG.

RESUMEN

Este artículo busca discutir los diálogos epistemológicos y los desplazamientos fronterizos que atraviesan los procesos de construcción y circulación del conocimiento, en el marco del proyecto de renovación de la exposición de larga duración *demasiado humano*, en el museo universitario Espaço do Conhecimento UFMG. Guiado por el Análisis Crítico del Discurso (ACD) de Fairclough (2001), el enfoque metodológico propone un gesto exploratorio y cualitativo para investigar el discurso comunicado por el catálogo de la exposición, así como los aspectos de misión, visión y valores presentados en el texto curatorial y en el texto de la dirección del museo, en relación con la renovación expositiva en el Espaço do Conhecimento. Los resultados indican un conjunto de factores financieros, institucionales y epistémicos que respaldaron el proyecto de renovación para que el ámbito expositivo del museo pudiera abordar el antropocentrismo a partir de saberes afroindígenas.

Palabras clave: Epistemologías afroindígenas; Prácticas discursivas; Museos; Espaço do Conhecimento UFMG.

1. INTRODUÇÃO

Em diferentes cosmologias indígenas, especialmente a do povo Yanomami, há uma expressão relacionada ao espaço celeste, que se refere à destruição de diferentes mundos: *a*

queda do céu. Tal devastação, causada pelos colonizadores, ainda é mantida pela “[...] economia industrial baseada na energia fóssil e no consumo exponencialmente crescente de espaço, tempo e matérias-primas [...] levada a cabo pela civilização que se julga liberta de toda 'superstição retrógrada' e de todo 'animismo primitivo'” (Kopenawa; Albert, 2015, p. 24).

Frente a um contexto de constante desequilíbrio e de múltiplas e violentas crises desencadeadas por um sistema centrado no capitalismo, no consumo e no utilitarismo, o pensamento de matriz africana e indígena pode consolidar formas de adiar o fim do mundo (Krenak, 2019), contando histórias diversas que estejam atreladas à natureza, ao cosmos e à integração entre os seres, bem como expandindo as formas de produzir conhecimento.

A contribuição do pensamento negro-africano, no continente e na diáspora afro-americana, e do pensamento indígena, para a ciência, entendida como busca do conhecimento, não está em sua predisposição para a resistência, a concorrência ou a sobreposição ao pensamento científico ocidental. Sua potencialidade decorre do quanto a ela seja reconhecido o valor e a capacidade de responder às exigências de uma outra maneira de se relacionar com o mundo [...] cuja produção de sentido leva em conta interações e inter-reações entre o antro-sociocultural e a dimensão biofísica, em bases solidárias, coletivas, afetivas em relação à natureza e ao planeta Terra. (Alves-Brito; Macedo, 2022, p. 407).

Os saberes localizados (Haraway, 2009) em modos de vida e perspectivas de povos africanos, afro-diaspóricos e originários apresentam, portanto, maneiras de recontar trajetórias historicamente vinculadas à centralidade europeia e à dominação colonial. Tais cosmopercepções se tornam ainda mais pertinentes no contexto do Sul Global, que, permeado por conotações, dissensos e disputas geopolíticas e econômicas, abarca, em geral, “[...] pessoas, lugares e ideias que foram deixados de fora da grande narrativa da modernidade” (Silva; Makalela, 2024, p. 1).

Ao ponderar que a rememoração e, conseqüentemente, o esquecimento “[...] sempre irão permear os processos de constituição das memórias e identidades coletivas e de suas representações, sobretudo na instituição museu, *lócus* por excelência dos suportes de memórias” (Tolentino, 2018, p. 66), este artigo suscita reflexões sobre o projeto de renovação da exposição *demasiado humano*¹, em cartaz no museu universitário Espaço do Conhecimento UFMG desde a sua inauguração no ano de 2010 (Leite, 2010).

O museu de divulgação científico-cultural (Espaço do Conhecimento UFMG; Martins, 2025) está vinculado à Pró-reitoria de Cultura (Procult) da Universidade Federal de Minas

¹ Ao longo deste projeto, o nome da exposição segue a grafia adotada pelo Espaço do Conhecimento UFMG, em minúsculas. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/exposicoes/demasiado-humano/>. Acesso em: 22 set. 2024.

Gerais (UFMG) e é fruto de uma parceria entre o governo do Estado de Minas Gerais e a Universidade. Sua exposição de longa duração, intitulada *demasiado humano*, trata da origem e da evolução da vida, evidenciando a busca pelo conhecimento (Leite, 2010) e as formas encontradas pelos sujeitos para perceber, compreender e investigar o mundo ao seu redor.

Após o projeto inaugural², que recebeu intervenções nos anos de 2014 e 2017, o museu finalizou, em 2024, a primeira etapa do projeto de renovação³ expositiva, como resultado de uma série de atividades de manutenção, atualização e criação de novas instalações para *demasiado humano*, guiadas pelo pensamento contracolonial do líder quilombola e filósofo Antônio Bispo dos Santos⁴ (conhecido como Nêgo Bispo) e do líder indígena e filósofo Ailton Krenak⁵. A perspectiva da contracolonização, portanto, está situada nas lutas “[...] em defesa dos territórios dos povos contra colonizadores, os símbolos, as significações e os modos de vida praticados nesses territórios” (Santos, 2015, p. 48).

Estabelecendo o museu como lugar de efetivação de experiências e pesquisas comunicacionais (Cury, 2007), buscamos compreender o discurso comunicado pelo catálogo⁶ da exposição de longa duração *demasiado humano* sobre o projeto de renovação expositiva no Espaço do Conhecimento. Na medida em que é por meio das exposições de longa duração que “[...] os objetivos traçados pela instituição serão expressos e concretizados” (Espaço do Conhecimento UFMG; Martins, 2025, p. 68), o *corpus* composto pelo texto curatorial e pelo texto da diretoria do museu também permite explorar os aspectos de missão, visão e valores institucionais, presentes no catálogo.

Partimos da premissa de que a comunicação no ambiente museal inclui o processo de “[...] apresentação dos resultados da pesquisa efetuada sobre as coleções (catálogos, artigos, conferências, exposições)” (Comunicação, 2013, p. 35). Desse modo, o catálogo integra o complexo sistema de práticas comunicacionais que visam construir relacionamento com os

² Ficha técnica da exposição *demasiado humano* | Projeto Inaugural Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/ficha-tecnica-por-instalacao-demasiado-humano/>. Acesso em: 18 fev. 2025.

³ Ficha técnica da exposição *demasiado humano* | Projeto de Renovação. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/ficha-tecnica-geral-demasiado-humano-projeto-de-renovacao-pt-ii-2024-2025/>. Acesso em: 12 jan. 2026.

⁴ Lavrador de palavras, escritor, mestre, autor, pensador... quilombola!. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/antonio-bispo-dos-santos-nego-bispo/>. Acesso em: 12 set. 2025.

⁵ Ailton Krenak visita o Espaço do Conhecimento UFMG. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/ailton-krenak-visita-o-espaco-do-conhecimento-ufmg/>. Acesso em: 12 set. 2025.

⁶ Catálogo “*demasiado humano* - Projeto de renovação (parte 1)”. Disponível em: https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/wp-content/uploads/2025/08/Demasiado-Humano_catalogo-2024.pdf. Acesso em: 12 jan. 2026.

públicos, propiciar conexões com os objetos, as narrativas e os conteúdos presentes nos museus, bem como registrar importantes aspectos sobre o posicionamento institucional que ressoa nas exposições.

Também consideramos que os espaços acadêmicos, sobretudo as universidades, se constituem como uma fronteira para os povos afro-indígenas (Dorneles; Santos, 2021). De acordo com Nêgo Bispo, as fronteiras “[...] se movem, avançam, recuam, mas elas nunca devem ser ultrapassadas. Porque se a gente ultrapassar deixa de ser fronteira e passa a ser limite. O limite é uma coisa colonialista. Limite é uma coisa da linearidade, da verticalidade, e fronteira é uma coisa da circularidade” (*ibidem*, p. 25).

Nesse sentido, o projeto de renovação se estabelece como uma oportunidade de discutir os diálogos epistemológicos presentes em um museu universitário e os deslocamentos fronteiriços que perpassam os processos de construção e circulação do conhecimento. Considerando que as “[...] hegemonias em organizações e instituições particulares, e no nível societário, são produzidas, reproduzidas, contestadas e transformadas no discurso” (Fairclough, 2001, p. 27), o estudo das práticas discursivas também pode indicar caminhos para o reconhecimento e a valorização de matrizes contra-hegemônicas do saber.

Em relação à estrutura, o artigo conta com uma seção teórica orientada pelas dimensões coloniais (Alves-Brito e Nunes, 2024; Lowande, 2023; Oliveira e Leite, 2014; Vergès, 2023) que perpassam as práticas de musealização (Cunha, 2017; Cury, 2007; Cury, 2005a e 2005b; Marandino, 2005; Moraes, 2021; Pantoja, 2022) e as narrativas construídas no contexto dos museus. Também abordamos os museus como espaços de interação e (re)circulação de discursos, que consolidam múltiplas estratégias comunicacionais (Baldissera, 2009; Marques e Mafra, 2018; Oliveira e Dornas, 2019; Oliveira, 2009).

Em seguida, o percurso metodológico apresenta a concepção tridimensional da Análise Crítica do Discurso (ACD) de Fairclough (2001) e os procedimentos que compõem a análise. É válido ressaltar que o artigo não pretende articular as dimensões da ACD de forma integral, mas subsidiar categorias para a investigação realizada na quinta seção deste trabalho. Por meio de um gesto exploratório ancorado em dimensões discursivas, o artigo busca desvelar de que modo o Espaço do Conhecimento comunica o projeto de renovação da exposição *demasiado humano*, em diálogo com cosmologias afro-indígenas.

2. POR TRÁS DO VÉU UNIVERSAL: HISTÓRIAS E IDENTIDADES QUE OS MUSEUS (IN)VISIBILIZAM

O ato de contar uma história expressa certos níveis de poder e autoridade. É também uma ação que implica, no mínimo, a autonomia necessária para ordenar fatos, lembranças ou circunstâncias que possam ser consideradas críveis, confiáveis ou pertinentes por parte dos interlocutores. Em um contexto mais amplo e institucional, que autoriza representações de diferentes comunidades, territórios e memórias, os museus se tornam exímios contadores de histórias. Enquanto espaço legítimo e legitimador (Oliveira; Leite, 2014), alicerçado pela retórica da neutralidade isolada das desordens do mundo (Vergès, 2023), o ambiente museal desencadeia dimensões de controle relacionadas ao que deve ser lembrado ou esquecido, a partir dos modos com que retrata a produção artística, cultural e intelectual da humanidade.

De acordo com Cunha (2017, p. 80), o resguardo do patrimônio revela estratégias ideológicas e subjetivas de rememoração, acentuadas pela “[...] ação de quem detém o poder político de escolher o que vai ser preservado, pois esse processo pode levar a visões e ações hegemônicas sobre a memória e sua preservação patrimonializada”. Nesse sentido, “[...] por trás da aparente neutralidade, o museu tem participação nos processos de dominação e na representação do Estado-nação sobre si mesmo” (Vergès, 2023, p. 83), corroborando para a consolidação de imaginários coletivos acerca de identidades, símbolos e acontecimentos.

Na perspectiva de que “[...] é através da comunicação que o museu se faz visível à sociedade e ganha forma” (Cury, 2005a, p. 14), cada linguagem, formato e materialidade utilizada se torna uma maneira de estruturar narrativas, alicerçadas por discursos que permitem a construção de sentidos e que estarão disponíveis para a interação com os públicos no contexto museal.

As narrativas são elementos que estão diretamente relacionados a qualquer objeto museal, assim como de qualquer exposição, seja frisando narrativamente o objeto de forma individual ou coletivamente, mas sempre tendo um fio condutor que os une de certa maneira, assim se presume, a partir da curadoria. (Pantoja, 2022, p. 20).

Guiadas por objetivos, interesses e fluxos de trabalho próprios, as instituições museais concebem inúmeros modos de narrar histórias, seja por meio de oficinas, visitas mediadas, programações temáticas, produção de conteúdo nas mídias sociais ou, na especificidade de interesse desta pesquisa, exposições e seus respectivos desdobramentos (catálogo, *making of*, visita virtual, etc.). Segundo Bordinhão, Valente e Simão (2017, p. 8), uma exposição “[...] se baseia na escolha e na apresentação de objetos que possam sustentar uma narrativa sobre um

assunto determinado. As seleções e definições apontam as ideias e imagens desejadas e estabelecem, pelos sentidos, diálogos com o público”.

Ao indicar que as exposições sistematizam ações de salvaguarda e comunicação, Cunha (2010) as compreende como um texto, a partir da articulação de seus elementos, permitindo a percepção de ênfases, metáforas e diferentes leituras, que dependem do nível de interação com o tema e os elementos apresentados no contexto expositivo. O autor (*ibidem*, p. 110) caracteriza, ainda, a exposição “[...] não somente pelo que se expõe, mas inclusive, pelo que se oculta, traduzindo e conectando várias referências, que conjugadas buscam dar sentido e apresentar um texto, uma ideia a ser defendida”.

Ao passo em que as exposições apresentam tal caráter polissêmico, Cury (2007) reforça a interação entre a percepção do público e a atuação profissional no museu, que, simultaneamente, constroem e negociam sentidos. Em meio a essas experiências compartilhadas e negociadas (*ibidem*), a comunicação se torna motor do funcionamento museal (Comunicação, 2013), “[...] pois comunicar significa, antes de tudo, trazer o público para dentro do museu, não no sentido físico somente, mas como elemento da sinergia do sistema que o museu é” (Cury, 2007, p. 85).

A partir dos processos comunicacionais no contexto das organizações, compreendemos os museus como “[...] espaços de interação, nos quais os atores organizacionais são sujeitos em relação” (Oliveira; Dornas, 2019, p. 182), que fazem parte das dinâmicas interacionais. De maneira similar, destacamos também a perspectiva de Baldissera (2009, p. 119), sob a qual os sujeitos em interação comunicacional revelam disputas que “[...] (re)constroem os sentidos em circulação nos processos comunicacionais, isto é, além de ser fortemente marcado pela contextura eco-psico-histórico-sociocultural em que se realiza, esse diálogo presentifica sujeitos (identidade/alteridade) tensionados como forças em relação”.

Cabe destacar que a comunicação não se trata de uma linha de chegada destinada exclusivamente à divulgação do que está exposto ou pronto. Ao contrário, as ações comunicacionais também estão voltadas para os trajetos possíveis, as decisões em curso e as interações negociadas (Oliveira, 2009) entre os sujeitos e equipes, por meio de interesses, repertórios socioculturais e demandas divergentes, que fazem parte de processos diversos, como a curadoria de exposições. No caso do processo curatorial, Cury (2007, p. 85) pontua que a “[...] comunicação não é o fim, e tampouco o começo, da cadeia operatória, e

sim possibilidade de participação dos sujeitos do museu – profissionais e público – na dinâmica da cultura material”.

A exposição se consolida por meio de fluxos de trabalho multidimensionais que permitem a construção e o planejamento de estratégias comunicacionais específicas, desde a idealização do projeto conceitual até a divulgação, pressupondo a alteridade, as dimensões de poder e as disputas de sentidos. Logo, os objetivos dos processos comunicacionais, como argumentado por Marques e Mafra (2018, p. 16), não se realizam ao unificar os sujeitos em uma harmonia completa, mas ao “[...] articulá-los em redes de negociação, conflito e dissenso capazes de expor assimetrias e opressões, deslocando enquadramentos ideológicos que continuam a permitir sua naturalização”.

Nesse contexto, é válido ressaltar que, devido à “[...] situação de precariedade da estrutura e do quadro de funcionários que acometem os museus públicos [...] tendo em conta que as tiranias também partem da estrutura na qual o museu, como instituição pública, está inserido” (Pantoja, 2022, p. 44-45), a comunicação pode acabar negligenciada, o que reforça a importância do reconhecimento da área, por parte das instâncias de liderança, bem como dos recursos e condições de trabalho adequadas, em todos os setores, para que as ações comunicacionais possam reverberar de forma qualificada. Isso porque a efervescência dos processos comunicacionais ao longo do ciclo operatório do museu também se torna especialmente positiva para que o relacionamento com diferentes públicos seja considerado em tomadas de decisão e definições curatoriais. Assim, a exposição se torna “[...] elemento de um sistema de comunicação mais geral” (Comunicação, 2013, p. 35), que inclui uma série de ações presenciais e digitais.

A partir de um complexo conjunto de ações, a construção expositiva também faz parte do processo de musealização que se trata da “[...] operação de extração, física e conceitual, de uma coisa de seu meio natural ou cultural de origem, conferindo a ela um estatuto museal – isto é, transformando-a em *musealium* ou *musealia*, em um “objeto de museu” que se integre no campo museal” (Musealização, 2013, p. 56). A musealização, portanto, pressupõe diferentes atividades para a constituição do museu.

Em síntese, entende-se o processo de musealização como uma série de ações sobre os objetos, quais sejam: aquisição, pesquisa, conservação, documentação e comunicação. O processo inicia-se ao selecionar um objeto de seu contexto e completa-se ao apresentá-lo publicamente por meio de exposições, de atividades educativas e de outras formas. Compreende, ainda, as atividades administrativas como pano de fundo desse processo. (Cury, 2005b, p. 26).

Tais condutas, procedimentos e operações exercem o papel de diferenciação entre o objeto *em* um museu e o objeto *de* museu (Musealização, 2013). Forjadas por pilhagens cometidas por exércitos revolucionários e imperiais (Vergès, 2023), em um projeto que tomava forma desde as Grandes Navegações e que privilegiava a classe burguesa, as coleções museais europeias do século XVIII e XIX expropriaram objetos de diferentes povos, territórios e contextos de origem, sob o argumento de que os artefatos perderiam o caráter original fora de seu ambiente, naturalizando a violência da colonização (*ibidem*). Os museus, então, instituíram representações e explanações por meio de abordagens exotizantes e exotizadas (Cunha, 2017), que contam histórias controladas pela perspectiva ocidental.

O Ocidente protegeu o patrimônio de países que ele mesmo destruiu, os museus não estão a serviço dos habitantes de uma nação e sim de toda a humanidade, e privar a humanidade desse patrimônio é um desserviço a ela. Em outras palavras, a humanidade está encarnada no museu universal ocidental, que se tornou depositário do seu patrimônio graças à história (e a violência dela é minimizada). (Vergès, 2023, p. 96-97).

Desse modo, no contexto museal do Ocidente, sobretudo da Europa, os museus são instituições capazes de “[...] dissimular suas formas de exploração sob o véu do universal” (*ibidem*, p. 13) e cuja constituição está ligada a um “[...] projeto de rapina e invasão de territórios” (Cunha, 2017, p. 85). Essa herança colonialista, que destitui significados ancestrais, históricos, culturais, afetivos e espirituais dos objetos (e que, ao mesmo tempo, deslegitima, invisibiliza e subjuga corpos e identidades), pode ser exemplificada pelo retorno ao Brasil de um exemplar de Manto Tupinambá⁷ e do fóssil do dinossauro não-aviário *Ubirajara jubatus*⁸, ambos retirados de seus locais de origem e mantidos durante anos na Europa. Quando concebida de forma neutra ou despolitizada, a musealização pode se tornar instrumento de dominação, que perpetua exclusões e promove violências simbólicas (Moraes, 2021).

Assim, ao compreender que por trás da narrativa de um museu “[...] está subjacente uma ideologia e intencionalidade de quem a produziu, os contextos sócio-históricos em que foi produzida e o resultado de uma seleção entre o que dizer e o que deve ficar no campo do

⁷ Disponível em:

<https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2024/manto-tupinamba-governo-federal-celebra-retorno-do-arte-fato-sagrado-ao-brasil-e-reafirma-direitos-indigenas-como-uma-prioridade>. Acesso em: 22 jul. 2025.

⁸ Disponível em:

<https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/noticias/2023/06/apos-retorno-ao-brasil-fossil-ubirajara-jubatus-e-levado-para-o-ministerio-da-ciencia-tecnologia-e-inovacao>. Acesso em: 22 jul. 2025.

não-dito ou do esquecimento” (Tolentino, 2018, p. 72), é notável que também há uma “[...] assimetria entre o poder que regulou a aquisição - o objeto foi adquirido num contexto em que a força toma o lugar do direito - e a exigência de reconhecimento de dano da parte dos/as que foram privados/as de seus objetos” (Vergès, 2023, p. 97). Esse contexto se estende aos museus de ciência que, fundamentados pelos ideais do progresso, também conceberam narrativas escritas pelas concepções ocidentais:

No ambiente em que se discutia e praticava uma ciência evolucionista voltada à ordem e ao progresso republicano brasileiro, pouco a pouco foram sendo forjados referências e imaginários que colocavam em nível inferior as culturas africanas, afrodescendentes e ameríndias. [...] Surgiram desse processo várias formas de se expor, que a partir da apresentação de elementos considerados exóticos, respondiam à vontade das populações urbanas, ditas civilizadas, de entrar em contato com o diferente e o exótico. (Cunha, 2017, p. 85).

As relações entre ciência e sociedade demonstram que, “[...] para além das evidências científicas, há as narrativas sobre os fatos e que, dependendo de quem tem o poder sobre essas narrativas, elas podem possuir maior ou menor grau de convencimento” (Alvaro *et al*, 2021, p. 2). De modo correlato, Alves-Brito e Nunes (2024) demarcam categorias sociais, que incluem (mas não se restringem) a raça e o território, para abordar as estruturas que endossam os vínculos entre ciência e poder:

No mundo exterior aos museus, as comunidades negras e indígenas imaginadas não são dotadas de humanidade e, portanto, suas realidades científicas e culturais inferiorizadas são tratadas como dados naturais, independentes dos agentes sociais, culturais e políticos. [...] As referências de museu estão colocadas apenas nos anseios das elites econômicas (ditas pensantes e culturais), que tampouco se racializam, que se notam como uma raça que distribui privilégios por meio de métodos seculares de hierarquização. (*ibidem*, p. 702).

Situando a discussão no ambiente do Espaço do Conhecimento UFMG, é possível inferir que os museus universitários se tornam “[...] um *locus* primordial de pesquisa sistemática e permanente” (Cury, 2007, p. 69). Com isso, os museus vinculados às universidades acumulam lógicas institucionais, marcadas pela colonialidade, que provêm tanto das práticas de musealização quanto dos processos da produção científica.

Ao ponderar que a exposição é “[...] local de encontro e relacionamento entre o que o museu quer apresentar e como deve apresentar visando um comportamento ativo do público e à sua síntese subjetiva” (Cury, 2005b, p. 40), os museus universitários apresentam um papel social no fomento do “[...] pensamento crítico para superar imaginários sociais e culturais permeados de vieses, preconceitos e estereótipos que estão na base da própria construção do

conhecimento científico, atravessado pelas interarticulações de sistemas globais como o colonialismo, o capitalismo e o patriarcado” (Alves-Brito; Nunes, 2024, p. 689).

Em contraposição à perspectiva patrimonial que hierarquiza, domestica e objetifica, e em direção aos modos de vida contracoloniais de Nêgo Bispo, Lowande (2023, p. 157) defende a ideia de patrimônio cosmológico que “[...] se refere à temporalidade da ancestralidade”, na qual as experiências do passado, presente e futuro convivem de maneira criativa. A partir desse conceito, os processos museais visam “[...] trazer para o primeiro plano as histórias de composição de mundos resistentes às catástrofes que lhes foram impostas pela colonização” (*ibidem*, p. 170), ultrapassando o viés da preservação das heranças cosmológicas e criando “[...] lugares de potencialização dos novos agenciamentos que elas podem produzir” (*ibidem*, p. 171).

Logo, a musealização e a comunicação fundamentadas por cosmo percepções não implicam em descartar as práticas vigentes e nem se guiam pela rejeição total das diretrizes e convenções dos museus. Ao contrário, busca-se o reconhecimento dessas instituições enquanto espaços de construção (cultural, científica e política) de narrativas, a valorização de diferentes matrizes de experiências e a colaboração com povos, territórios e expressões diversas.

[...] a musealização não é uma ação técnica supra objetiva ou desinteressada sobre coisas, mas um ato simbólico, político e poético sobre aquilo que os grupos partilham como revelador de suas identidades, interações e interfaces com o mundo e a cultura, dando origem a narrativas sobre tal. Nesta perspectiva, a participação de diferentes sujeitos e grupos sociais não somente parece ser positiva e alavancar autoestimas, como também postura ética no âmbito da musealização. (Moraes, 2021, p. 187).

Esse gesto pode ser exemplificado, em nível local, pela decisão do Espaço do Conhecimento UFMG de convidar Ailton Krenak e Nêgo Bispo a atuarem como mestres da renovação da exposição *demasiado humano* (Diniz; Mantovani, 2024), germinando confluências entre os saberes afro-indígenas e as práticas da instituição.

Uma prática patrimonial e museal que se pretenda contracolonial precisa, portanto, ser protagonizada por pessoas e comunidades que vivenciam esse tipo de luta, com suas próprias concepções de tempo e território. Isso não quer dizer que essa prática também não possa contar com a atuação de aliados(as) em posição de mobilizar recursos estratégicos para o fortalecimento dessas lutas. (Lowande, 2023, p. 158).

Com isso, o presente artigo se volta para o discurso construído pelo Espaço do Conhecimento, por meio do catálogo da exposição *demasiado humano*, lançado em 2024,

buscando compreender como o museu comunica o projeto de renovação expositiva e os aspectos institucionais que o permeiam.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

Guiado pela Análise Crítica do Discurso (ACD) de Norman Fairclough (2001), o percurso metodológico visa acionar a abordagem que articula, simultaneamente, as dimensões de texto, prática discursiva e prática social.

Por meio de um procedimento de descrição (análise textual) e duas partes de interpretação (análise da prática discursiva e análise da prática social), o autor (*ibidem*, p. 89) propõe uma concepção tridimensional (Figura 1) que visa “[...] reunir a análise de discurso orientada linguisticamente e o pensamento social e político relevante para o discurso e a linguagem, na forma de um quadro teórico que será adequado para uso na pesquisa científica social e, especificamente, no estudo da mudança social”.

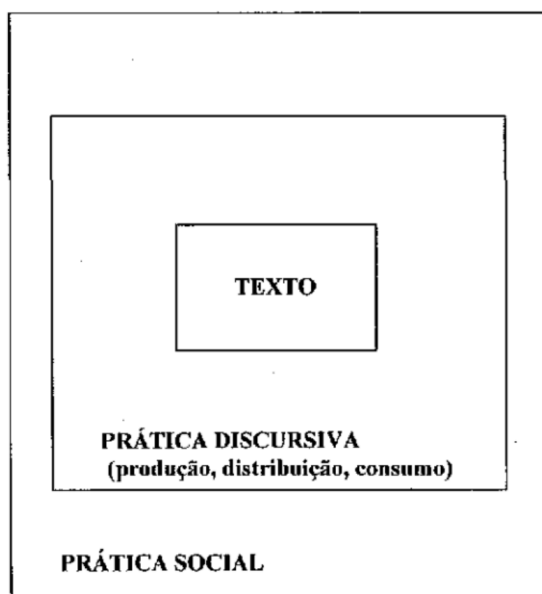


Figura 1 – Concepção tridimensional do discurso. Fonte: Fairclough (2001, p. 101)

Ao caracterizar o discurso como texto, Fairclough (*ibidem*) ressalta quatro itens para a análise de aspectos formais que perpassam a construção verbal e verbo-visual: o vocabulário, a gramática, a coesão e a estrutura textual. A prática discursiva, por sua vez, trata de outros três elementos principais: a força dos enunciados (componente acional que desempenha atos

de fala, como fazer uma promessa, dar uma ordem, etc.), a coerência (propriedades interpretativas necessárias para que os sujeitos possam realizar conexões/inferências e gerar sentido) e a intertextualidade (constituição heterogênea de um texto por meio de fragmentos de outros textos) ou interdiscursividade (no caso das relações textuais estabelecidas com convenções da ordem do discurso). Ainda que a análise da prática discursiva possa envolver características formais do texto, sua abordagem privilegia os processos produtivos e interpretativos da circulação e do consumo textual.

Já a análise da prática social abarca as circunstâncias institucionais e os contextos sociais que moldam a natureza da prática discursiva para representação e significação do mundo, considerando aspectos de ideologia e hegemonia. Há, portanto, uma relação dialética entre o discurso e as estruturas sociais (Fairclough, 2001): o meio social é, ao mesmo tempo, uma condição e um efeito das práticas discursivas, enquanto o discurso é restringido e moldado pela sociedade que ajuda a constituir.

Ao considerar que “[...] as práticas discursivas em mudança contribuem para modificar o conhecimento (até mesmo as crenças e o senso comum), as relações sociais e as identidades sociais” (*ibidem*, p. 27), a concepção da ACD destaca as dimensões de poder presentes no discurso e permite desvelar determinados mecanismos discursivos (naturalizados ou não) de dominação e resistência. Logo, a abordagem tridimensional de Fairclough (2001) se apresenta de modo pertinente para o âmbito deste trabalho, uma vez que o discurso do museu, para além de aspectos formais do texto, suscita reflexões sobre a produção e a legitimação de conhecimento na sociedade contemporânea.

A partir desta abordagem qualitativa, buscamos compreender o discurso comunicado por parte do catálogo da exposição de longa duração, *demasiado humano* sobre o projeto de renovação expositiva no Espaço do Conhecimento UFMG. O *corpus* deste trabalho envolve o primeiro dos cinco eixos que compõem o catálogo (2024), por se tratar da apresentação inicial do projeto de renovação expositiva, com o texto curatorial e o texto da diretoria do museu. Assim, o percurso não pretende evocar uma análise exaustiva do catálogo, mas propõe um gesto exploratório na investigação das dimensões discursivas e de seu conteúdo institucional.

Embasada pela ACD (Fairclough, 2001) e pelo aporte teórico-metodológico discutido até aqui, a análise irá considerar: 1) marcas da produção e distribuição do discurso; 2) contextos suscitados pelo discurso; 3) elementos formais do texto. Em diálogo contínuo entre as três dimensões, a análise visa destacar analogias, palavras-chave, elementos institucionais e

contextos do processo de renovação no Espaço do Conhecimento UFMG comunicados pelo catálogo da exposição *demasiado humano*.

4. ANÁLISE: DIMENSÕES DO DISCURSO NO CATÁLOGO DE *DEMASIADO HUMANO*

“De onde viemos? Como viemos? Para onde iremos?”. Essas são as questões que nortearam a concepção da exposição de longa duração *demasiado humano*, em 2010, no museu universitário Espaço do Conhecimento UFMG. Inspirado pela obra *Humano, Demasiado Humano* (1848), de Friedrich Nietzsche, o cerne da mostra propõe um percurso que permite ao visitante compreender de que maneira “[...] a dúvida se instaura como o mais poderoso motor” (Leite, 2010, p. 16) da ciência. Em 2024, 14 anos após a sua inauguração, a exposição recebeu atualizações, revisões, novos conteúdos e instalações, a partir da primeira etapa de um projeto de renovação concluída em interlocução com Antônio Bispo dos Santos (Nêgo Bispo) e Ailton Krenak.

[...] a equipe do Espaço do Conhecimento se abriu aos ensinamentos de Ailton e Bispo, que serviram de semente para germinar novos pensamentos sobre a exposição, a partir de um ponto de vista que complexifica as certezas instituídas pela ciência moderna em diálogo com outras epistemologias, com formas originárias de habitar o mundo e com pensamentos contracoloniais⁹.

Ainda que imbuído por uma efervescência de saberes plurais, o projeto de renovação, ao contrário de uma substituição absoluta, conservou aspectos da concepção expositiva anterior. Nesse sentido, a versão de 2024 do catálogo da exposição, por meio do texto curatorial, evidencia que a obra de Nietzsche se manteve como um dos fundamentos para a discussão do que é considerado um saber “demasiado humano”:

A atividade intelectual humana é sempre inventiva, criativa e artística. Todo conhecimento é, nesse sentido, uma construção, uma interpretação situada sobre o mundo. Nosso conhecimento, disse Nietzsche, é humano, *demasiado humano* para pretender algo como a objetividade ou o distanciamento dos fenômenos. (Lima *et al*, 2024, p. 5).

Ao problematizar a completa objetividade da atividade intelectual humana, ponderamos que os curadores se aproximam dos saberes localizados defendidos por Haraway (2009), que se valem de subjetividades, experiências, perspectivas parciais e críticas para

⁹ Texto apresentado na contracapa do catálogo “*demasiado humano* - Projeto de Renovação Parte 1”.

privilegiar a responsabilidade pelo conhecimento produzido e a possibilidade de contestação, em detrimento do processo de universalismo e da cisão completa entre sujeito e objeto. A partir da afirmação de que “o conhecimento está sempre em movimento, em criação, e também em disputa” (Lima *et al*, 2024, p. 5), o texto reconhece as dimensões de poder que despontam mediante interesses, contextos e relações estabelecidas entre os atores e organizações envolvidas na construção do saber.

O texto curatorial também indica que a presença de epistemologias afro-indígenas na exposição contesta a perspectiva hegemônica ocidental sobre o próprio caráter de humanidade, sobretudo em um contexto contemporâneo marcado por heranças colonialistas e eurocêntricas que acentuam múltiplas crises: “a produção de um humano *des-envolvido, des-enraizado*, está na base das crises sociais, econômicas e ambientais, e das múltiplas formas de violência perpetradas contra diferentes povos no passado e atualmente” (Lima *et al*, 2024, p. 5). Inserido em uma prática social que está longe de um caminho satisfatório para reparações históricas, culturais e epistêmicas, o museu busca possibilidades contra-hegemônicas de abordar a construção humana do conhecimento e as relações com o mundo. Dessa forma, a discussão sobre a humanidade, empreendida pela exposição, reside no próprio reconhecimento das contradições existentes no contexto social e, conseqüentemente, na atividade intelectual que dele emergem.

Ao traçar conexões entre o catálogo e o Plano Museológico, que visa definir as diretrizes centrais para o planejamento estratégico das atividades do Espaço do Conhecimento, identificamos que o discurso curatorial também ecoa valores institucionais do museu, como o comprometimento com a valorização, preservação e divulgação dos diversos tipos de saberes, incluindo o científico, e a valorização da diversidade cultural, de gênero e de raça (Espaço do Conhecimento UFMG; Martins, 2025). Desse modo, gestos como a renovação de uma exposição se tornam muito relevantes, em um contexto no qual os discursos museais são influenciados pelas dimensões sociais (Fairclough, 2001), mas também podem ampliar percepções e ações críticas acerca da perpetuação de desigualdades e opressões.

Ainda em relação ao escopo institucional do Espaço do Conhecimento, o Plano indica que o museu “[...] se mostra como uma “vitrine” de pesquisas realizadas pela UFMG no âmbito, principalmente, da ciência, arte e cultura, abarcando diversas áreas do conhecimento, divulgando e desenvolvendo trabalhos e pesquisas acadêmicas” (Espaço do Conhecimento

UFMG; Martins, 2025, p. 75). Tal aspecto indica que as interações com os públicos se tornam fundamentais para as decisões curatoriais e institucionais, na medida em que as percepções dos visitantes também são particularmente relevantes para verificar como essa “vitrine” tem circulado na sociedade, seja promovendo diálogos, propiciando reflexões ou criando relações entre os processos de musealização e os públicos. Isso cria oportunidades para que seja possível aprofundar compreensões e investigar de que forma a instituição tem construído uma cultura científica que é apreendida e (re)circulada pelos sujeitos no meio social.

O texto dos curadores se encerra com atos de fala questionadores, demonstrando que a exposição, para além de fornecer respostas acerca do conhecimento, busca também gerar inquietações, provocar perguntas e incentivar reflexões: “De que lugar falamos quando dizemos que conhecemos algo? Quais memórias e quais perspectivas compartilhamos quando julgamos conhecer o mundo? Essas perspectivas são únicas?” (Lima *et al*, 2024, p. 5). O discurso utiliza a primeira pessoa do plural, em um gesto que demarca a presença dos autores no texto, bem como posiciona o público como parte integrante da realidade abordada. Outro ponto que chama atenção ao longo do texto é a menção de palavras como confluência e des-envolvimento, provenientes do pensamento de Nêgo Bispo e Ailton Krenak, que aponta para a presença de ideias contracoloniais na exposição.

Enquanto forma de defesa aos mecanismos coloniais de dominação, Bispo evidencia a prática de contrariar as palavras dos colonizadores com o objetivo de enfraquecê-las (Santos, 2023). Para extenuar os saberes sintéticos, semeia-se os saberes orgânicos e o mesmo acontece entre a colonização e a contracolonização, a coincidência e a confluência, o desenvolvimento e o envolvimento (*ibidem*). De maneira similar, é possível citar os termos amefricanidade e pretuguês, ambos cunhados por Lélia Gonzalez (2020), com a intenção de abordar a presença africana na língua portuguesa e na fundação cultural do continente americano. Assim, a comunicação verbal também se torna espaço para a resistência e a afirmação dos modos de existir no mundo.

No que tange a produção discursiva, destacamos as áreas de atuação da equipe interdisciplinar de curadores do projeto, formada por professores e pesquisadores da UFMG: Deborah de Magalhães Lima (Antropologia e Arqueologia), Karenina Vieira Andrade (Antropologia e Arqueologia), Sibelle Cornélio Diniz (Ciências Econômicas), Camila Maciel Campolina Alves Mantovani (Comunicação Social) e Bruno Siqueira Fernandes (Ciências Econômicas). É válido ressaltar que, em relação à circulação, o texto curatorial também está

disposto na exposição *demasiado humano*, no 5º andar do Espaço do Conhecimento (Figura 2), ampliando as possibilidades de interação com o público que visita o museu.

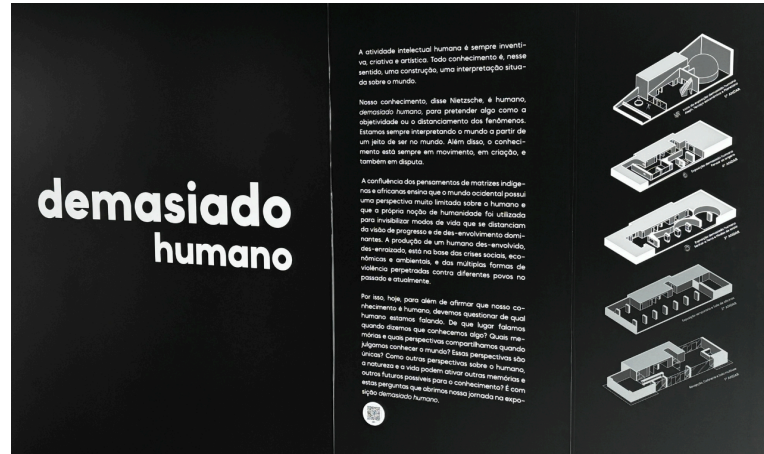


Figura 2 – Texto curatorial no espaço físico da exposição *demasiado humano*. Fonte: Imagem das autoras, 2025.

Em seguida, o catálogo apresenta o texto da diretoria do museu, intitulado *A humanidade em perspectiva* e assinado por Sibelle Diniz e Camila Mantovani, respectivamente diretora e diretora-adjunta (2022-2026), que também fazem parte da curadoria do projeto. O texto caracteriza o museu como um ambiente diferenciado de divulgação científica, que supera as abordagens tradicionais da ciência (Diniz; Mantovani, 2024). Tal definição vai de encontro à visão do Espaço do Conhecimento de “consolidar-se como museu universitário de referência em divulgação e discussão crítica sobre as diferentes formas de conhecimento, por meio da criação de linguagens e conteúdos inovadores” (Espaço do Conhecimento UFMG; Martins, 2025, p. 22).

O discurso menciona que os visitantes espontâneos e os grupos escolares atribuem distintas interpretações à exposição. Tal enunciado nos permite inferir que a comunicação do museu, a todo tempo, negocia interações (Oliveira, 2009) com o público que “[...] redefine o discurso museológico ao interpretar e (re)significar” (Cury, 2007, p. 76), gerando novas percepções que irão circular em seu cotidiano. Desse modo, ainda que os membros da equipe tenham maior poder decisório, o relacionamento e o contato com os visitantes se tornam essenciais para a tomada de decisão (*ibidem*) em inúmeras atividades e ações propostas pelo museu, como é também o caso específico do projeto de renovação da exposição *demasiado humano*. No ambiente museal, enquanto espaço de relacionamento e (re)construção de sentidos, há uma dinâmica interacional incessante na qual os profissionais estruturam suas

práticas e discursos para propor diálogos a partir dos códigos culturais dos públicos (*ibidem*). Tais sujeitos, por sua vez, fazem interpretações atravessadas pelo próprio repertório cotidiano (*ibidem*), negociando e reconstruindo sentidos com a equipe do museu.

Ao longo do texto, a diretoria também descreve a proposta apresentada à Lei Estadual de Incentivo à Cultura, com financiamento integral da Cemig, que subsidiou a renovação da exposição em termos financeiros. Com isso, a produção científica, ainda que baseada em uma proposta contra-hegemônica, depende de questões orçamentárias, incentivo de editais públicos e disponibilidade de recursos, o que torna a prestação de contas um elemento fundamental para a ciência. Isso porque o conhecimento se mantém vinculado não apenas aos grupos de cientistas que o produzem, mas também aos interesses políticos, culturais e econômicos de mercados, indústrias e governos envolvidos em seus processos.

Quanto às principais premissas do projeto, a diretoria menciona a fidelidade à concepção inaugural e, sobretudo, a busca por soluções que pudessem suprir a carência de discussões socioambientais, no âmbito expositivo de longa duração do museu, e “[...] a escassez de respostas eficientes por parte do “nosso mundo” (Diniz; Mantovani, 2024, p. 8-9) para as questões relacionadas ao cuidado com o planeta. Nesse sentido, as instalações concebidas pelo projeto de renovação a partir do pensamento de Bispo e Krenak objetivaram “[...] rediscutir os processos e as vivências humanas na Terra, [...] o próprio conceito de “humano” e sua centralidade em nossos modos de reconhecer e de conviver” (Diniz; Mantovani, 2024, p. 9).

O discurso, em paralelo com a missão institucional de realizar “[...] exposições, conteúdos e atividades articulados às ações de extensão, ensino e pesquisa da UFMG” (Espaço do Conhecimento UFMG; Martins, 2025, p. 22), também destaca iniciativas da Universidade que se conectam à nova versão da exposição, como a concessão de títulos de doutorado por notório saber e o curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI). Apesar de evidenciar tais importantes projetos, o texto não considera os contextos de disputas que envolvem o saber acadêmico, uma vez que as universidades também apresentam múltiplas barreiras para o acesso e a permanência de diferentes sujeitos e grupos, que são continuamente invisibilizados nos processos de construção do conhecimento.

A diretoria conclui o texto, manifestando que “[...] na abertura a esses outros mundos está a chave para rediscutir e refazer nosso futuro como “humanos”, nos permitindo “Sonhar a Terra” e, assim, adiar, em alguma medida, o fim do mundo” (Diniz; Mantovani, 2024, p. 9).

As páginas seguintes contam com uma citação de Nêgo Bispo sobre a confluência e outra de Ailton Krenak, sobre o futuro ancestral, que deixam marcas do pensamento contracolonial integrado à *demasiado humano*.

O *corpus* de análise do catálogo se encerra com fotos da exposição (Figura 3) e a ficha técnica do projeto de renovação. As imagens demonstram diferentes ambientes e destacam o uso de variados recursos verbo-visuais pela exposição, como uma linha do tempo, um fóssil de dinossauro e plotagens nas paredes. É possível inferir que a exposição lida com diferentes interpretações da humanidade, a partir do uso de cores contrastantes e de elementos que ora se apresentam de modo mais lúdico (fotografias coloridas, representações artísticas) e ora de modo mais sóbrio (linha do tempo e peças de arqueologia).

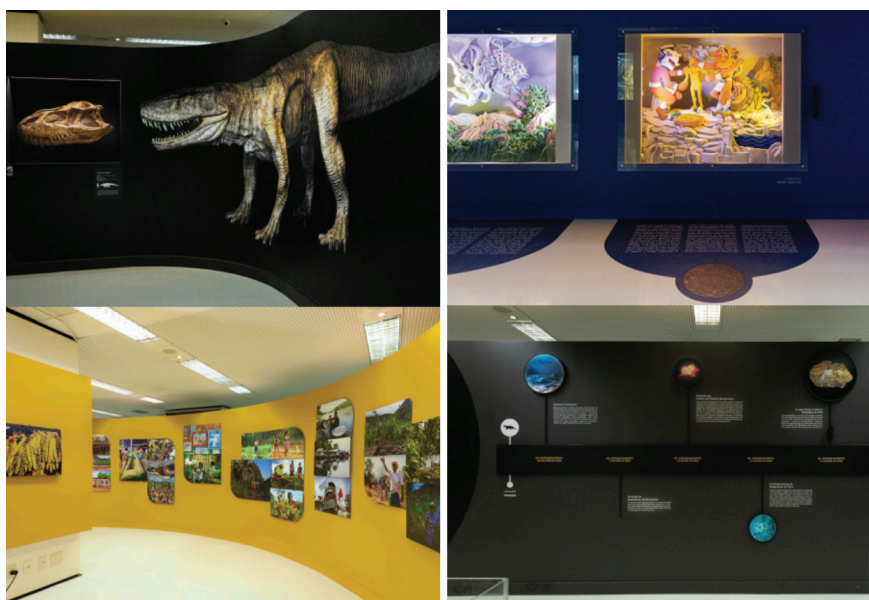


Figura 3 – Imagens da exposição *demasiado humano* no catálogo. Fonte: Catálogo “*demasiado humano* - Projeto de Renovação Parte 1” | Versão *online*

O discurso comunicado pelo catálogo sinaliza um conjunto de fatores financeiros, institucionais e epistêmicos que constituíram a renovação da exposição *demasiado humano*. O diagnóstico de discussões ausentes na exposição, a aprovação da proposta à Lei Estadual de Incentivo à Cultura e a interlocução de saberes foram os elementos essenciais para que o projeto pudesse ser realizado. Ao longo da análise, constatamos que os enunciados utilizam analogias relacionadas às ideias de Nêgo Bispo e Ailton Krenak (sonhar a terra, adiar o fim do mundo, confluência, des-envolvimento) e narram as motivações, decisões e intenções da equipe em primeira pessoa do plural, de maneira coletiva e associada à missão de “[...]”

contribuir para o reconhecimento e a valorização dos distintos saberes” (Espaço do Conhecimento UFMG; Martins, 2025, p. 22). O projeto de renovação coloca em primeiro plano, portanto, o caráter indissociável entre a sociedade e a ciência, a partir das dimensões coloniais na produção de conhecimento e da diversidade de percepções sobre o mundo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo apresentado até aqui se dedicou a compreender o discurso comunicado pelo catálogo da exposição de longa duração *demasiado humano*, acerca do projeto de renovação expositiva no Espaço do Conhecimento UFMG. Em uma perspectiva institucional, dos curadores e da diretoria do museu, identificamos que a renovação se concentra em discutir o antropocentrismo e as práticas humanas tão afastadas dos seres que também habitam o cosmos. Apesar de não designarem em detalhes as noções de humanidade pressupostas na exposição, os textos analisados demonstram que a renovação incorpora epistemologias afro-indígenas, sobretudo embasadas pelas ideias de Nêgo Bispo e Ailton Krenak, que ampliam as perspectivas críticas em relação ao conhecimento e ao progresso almejado pelo empreendimento da ciência moderna. Sem a pretensão de circunscrever o catálogo ou a exposição de modo integral, o artigo também demonstra que as práticas discursivas se alinham a aspectos da missão, visão e valores do museu, reforçando o papel estratégico e institucional do catálogo.

De acordo com Fairclough (2001, p. 158) “[...] os sujeitos são em parte posicionados e constituídos no discurso, mas eles também se envolvem na prática que contesta e reestrutura as estruturas discursivas (ordens de discurso) que os posicionam”. Assim, o projeto de renovação abre possibilidades para a problematização de práticas sociais, por meio de práticas discursivas materializadas em textos que também serão apropriados e circulados na sociedade. Mesmo em uma dinâmica permeada por assimetrias, cabe ressaltar que as interações com os públicos guiaram determinadas decisões da equipe do museu e evidenciaram múltiplas formas de abordar a história da humanidade e o próprio caráter humano em diferentes contextos.

Marques e Mafra (2018, p. 4) suscitam as ações comunicacionais na perspectiva da humanização, em uma abordagem que aqui estendemos à produção da ciência e às atividades museais, na qual “[...] a comunicação se torna mais humana não porque nos simpatizamos com os outros, mas porque damos atenção às diferenças que desafiam nossa compreensão do

senso comum de como o mundo funciona”. Os processos comunicacionais, então, não estão e nem devem estar isentos da desordem, das fissuras e dos confrontos. Isso porque a força da alteridade e do caráter humanizado encontram oportunidades para emergir nos momentos de deslocamento, que provocam a escuta recíproca e a coletividade necessárias para buscar confluências entre diferentes matrizes e concepções do saber.

Destacamos, ainda, que a comunicação em museus, orientada por gestos políticos e críticos, não deve encaixar os saberes em denominações acadêmicas (Santos; Dorneles, 2021), mas construir possibilidades para que públicos cada vez mais diversos se sintam convidados a dialogar, ocupar espaços acadêmicos e deslocar fronteiras. Isso reforça a importância da construção conjunta com os povos africanos, afro-diáspóricos e originários, enquanto atores sociais que elaboram conhecimento e cultura no contexto contemporâneo, para que possam não apenas ser representados pelas instituições, mas também fazer parte de sua atividade intelectual. Desse modo, o diálogo entre museus, universidades e sociedade se apresenta como uma forma de hackear os códigos coloniais por meio de dispositivos ancestrais (Amâncio, 2023) e comunicar a diversidade da ciência e da cultura, em constante confluência de saberes e perspectivas.

REFERÊNCIAS

ALVARO, M.; MASSARANI, L.; SILVA, M. R. e; VALADARES, P. A.; MARANDINO, M. Uma análise dos artigos acadêmicos latino-americanos sobre Divulgação científica e controvérsias. **Journal of Science Communication–América Latina**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 1-17, 2021.

ALVES-BRITO, A.; NUNES, C. Museu colonial x Antimuseu: uma abordagem sobre relações étnico-raciais a partir do Museu de Ciências do Observatório Astronômico da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, [S. l.], v. 41, n. 3, p. 687-714, 2024.

ALVES-BRITO, A.; MACEDO, J. R. A história da ciência e a educação científica pelas perspectivas ameríndia e amefricana. **Revista Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 400-417, 2022.

AMÂNCIO, G. Cyberterreiro. **PISEAGRAMA**, Belo Horizonte, n.p., 2023. Disponível em: <https://piseagrama.org/in-english/cyberterreiro/>. Acesso em: 23 jul. 2025.

BALDISSERA, R. Comunicação Organizacional na perspectiva da complexidade. **Organicom**, São Paulo, v. 6, n. 10-11, p. 115-120, 2009.

BORDINHÃO, K.; VALENTE, L.; SIMÃO, M. dos S. S. **Caminhos da memória**: para fazer uma exposição. Brasília, DF: IBRAM, 2017. 88 p.

COMUNICAÇÃO. In: DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. (Eds.). **Conceitos-chave de Museologia**. Paris: Armand Colin, 2013. p. 35-37.

CUNHA, M. N. B. da. Museus, memórias e culturas afro-brasileiras. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, São Paulo, n. 5, p. 78-88, 2017.

CUNHA, M. N. B. da. A exposição museológica como estratégia comunicacional: o tratamento museológico da herança patrimonial. **Revista Magistro**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 109-120, 2010.

CURY, M. X. Comunicação museológica em museu universitário: pesquisa e aplicação no Museu de Arqueologia e Etnologia-USP. **Revista CPC**, São Paulo, n. 3, p. 69-90, 2007.

CURY, M. X. **Comunicação Museológica**: uma perspectiva teórica e metodológica de recepção. 2005a. 366f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005a.

CURY, M. X. **Exposição**: concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2005b. 162 p.

DINIZ, S. C.; MANTOVANI, C. M. A humanidade em perspectiva. In: FERNANDES, B. S.; MANTOVANI, C. M.; LIMA, D.; LIMA, D. M.; ANDRADE, K. V.; ARAVANI, M.; VILAÇA, P. L.; DINIZ, S. C. (Orgs.). **demasiado humano - Projeto de renovação (parte 1)**. Belo Horizonte: Espaço do Conhecimento UFMG, 2024. p. 6-11.

DORNELES, D. R.; SANTOS, A. B. Palavras Germinantes: Entrevista com Nego Bispo. **Identidade!**, [S. l.], v. 26, n. 1/2, p. 14-26, 2021.

ESPAÇO DO CONHECIMENTO UFMG; MARTINS, L. M. **I Plano Museológico - Volume I**. Belo Horizonte, MG, 2025. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/wp-content/uploads/2018/03/I-Plano-Museologico-Espa%C3%A7o-do-Conhecimento-UFMG-versao-final.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2025.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UnB, 2001. 316 p.

FERNANDES, B. S.; MANTOVANI, C. M.; LIMA, D.; LIMA, D. M.; ANDRADE, K. V.; ARAVANI, M.; VILAÇA, P. L.; DINIZ, S. C. (Orgs.). **demasiado humano - Projeto de renovação (parte 1)**. Belo Horizonte: Espaço do Conhecimento UFMG, 2024.

GONZALEZ, L. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: RIOS, F.; LIMA, M. (Orgs.). **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. 376 p.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 7-41, 2009.

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. 1. ed. São Paulo: Editora Companhia das letras, 2015. 798 p.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2019. 104 p.

LEITE, P. K. A aventura do conhecimento. *In*: ALMEIDA, M. I.; LEITE, P. K. (Orgs.) **demasiado humano**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 15-18.

LIMA, D. M.; ANDRADE, K. V.; DINIZ, S. C.; MANTOVANI, C. M.; FERNANDES, B. S. Texto curatorial. *In*: FERNANDES, B. S.; MANTOVANI, C. M.; LIMA, D.; LIMA, D. M.; ANDRADE, K. V.; ARAVANI, M.; VILAÇA, P. L.; DINIZ, S. C. (Orgs.). **demasiado humano - Projeto de renovação (parte 1)**. Belo Horizonte: Espaço do Conhecimento UFMG, 2024. p. 5.

LOWANDE, W. F. F. Museus contracoloniais e patrimônios cosmológicos no Antropoceno. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v. 15, n. 29, p. 154-174, 2023.

MARQUES, A.; MAFRA, R. A comunicação interna em contextos organizacionais e a criação de cenas de dissenso. **Comunicação pública**, [S. l.], v. 13, n. 25, p. 1-20, 2018.

MORAES, J. N. L. de. Horizontes e Itinerários da participação dos públicos nos Museus. **Museologia & Interdisciplinaridade**, [S. l.], v. 10, n. 20, p. 168-190, 2021.

MUSEALIZAÇÃO. *In*: DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. (Eds.). **Conceitos-chave de Museologia**. Paris: Armand Colin, 2013. p. 56-58.

OLIVEIRA, I. L.; DORNAS, L. Diálogo: Processo interacional e suas noções no contexto das organizações. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, [S. l.], v. 16, n. 30, p. 180-189, 2019.

OLIVEIRA, I. L. Objetos de estudo da Comunicação Organizacional e das Relações Públicas: um quadro conceitual. **Organicom**, São Paulo, v. 6, n. 10-11, p. 57-63, 2009.

OLIVEIRA, L. S. de.; LEITE, C. A. de O. Entre o dito e o não dito: museus de arte, construção de narrativas, visitas guiadas e poder. **Revista Confluências Culturais**, Joinville, v. 3, n. 1, p. 48-56, 2014.

PANTOJA, S. R. S. **Mulheres negras visualizadas e ignoradas: uma análise de narrativas expográficas no Museu de Arte de Belém (MABE)**. 2022. 137f. Dissertação (Mestrado em Museologia) - Faculdade de Ciência Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

SANTOS, A. B. **A terra dá, a terra quer**. 1. ed. São Paulo: Ubu Editora, 2023. 112 p.

SANTOS, A. B. **Colonização, quilombos: modos e significados**, Brasília: INCTI/UnB, 2015. 150 p.

SILVA, K. A.; MAKALELA, L. Língua, Raça e o Sul global: enfocando as lentes para a igualdade e a justiça social num mundo multipolar contemporâneo. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 64, p. 1-7, 2025.

TOLENTINO, A. B. Memórias coletivas e narrativas museológicas: limites e conflitos da representação de identidades. **Revista Memorare**, Tubarão/SC, v. 5, n. 1, p. 62-77, 2018.

VERGÈS, F. **Descolonizar o museu**: programa de desordem absoluta. São Paulo: Ubu Editora, 2023. 272 p.

AnaCarolyna Gonçalves Barboza

Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Bacharela em Relações Públicas pela PUC Minas. Membro do Grupo Bertha de Pesquisa.

Verônica Soares da Costa

Professora no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social na PUC Minas, Doutora em Comunicação e Sociabilidade pela Universidade Federal de Minas Gerais. Líder e fundadora do Grupo Bertha de Pesquisa.

Ivone Oliveira

Professora no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social na PUC Minas, Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro com estágio pós-doutoral pela Université de Toulouse - Paul Sabatier. Líder e fundadora do grupo de pesquisa Dialorg - Comunicação no contexto organizacional: aspectos teórico-conceituais.



Esta obra está licenciada com uma Licença

[Creative Commons Atribuição-Não-Comercial-Compartilha Igual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/)